

A FICCIONALIZAÇÃO DA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE FLORBELA ESPANCA: uma leitura do *Diário do último ano*

Lígia Mychelle de Melo Silva (UFRN – Departamento de Letras)

Resumo

Conforme sabemos, o diário íntimo é considerado, a princípio, um gênero de caráter confessional por ser um relato de acontecimentos relacionados à pessoa que escreve. Desse modo se supõe que a escrita desse gênero deva ser sempre espontânea. No entanto, o que se observa no *Diário do último ano* (1998) de Florbela Espanca (1894-1930) é que sua escrita não é tão espontânea assim e a forma como se autodescreve mais parece a construção de uma das personagens de seus contos e/ou com os múltiplos Eus que aparecem em seus poemas. A verdade é que Florbela não escreve em seu diário com a simples finalidade de confidenciar-se, deixando cair sua(s) máscara(s) de poetisa e revelando-se sem artifícios. Conforme observou Junqueira (2003: p.19), tal obra deixa “[...] transparecer a confissão como ficção, isto é, o uso do gênero confessional como pretexto para devassar uma intimidade que também se revela, afinal, falsa, postiça, retrato que resulta de uma linguagem elaborada como sofisticação.”. Percebemos, assim, em tal diário, um valor estético que nos permite considerá-lo como um projeto literário. Desse modo, este trabalho se propõe a fazer uma leitura do diário íntimo florbeliano, a partir da discussão em torno das relações existentes entre o discurso autobiográfico e a ficção à luz, principalmente, dos estudos de Philippe Lejeune (2008); de Wolfgang Iser (1998); de Antonio Candido (1994) e de Wander Melo Miranda (1992).

Palavras-chave: Florbela Espanca. Autobiografia. Discurso ficcional. Artificialismo.

1. Introdução

Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de doutorado, cuja proposta é fazer uma leitura da prosa de Florbela Espanca (1894-1930) numa perspectiva moderna, a partir de uma discussão em torno dos limites existentes entre a escrita autobiográfica e a escrita ficcional. Tal discussão será fundamentada, principalmente, nos estudos de Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico* (2008); de Wolfgang Iser, em *O fictício e o Imaginário* (1998); de Antonio Candido, em *Ficção e confissão* (1994) e de Wander Melo Miranda, em *Corpos escritos* (1992), entre outros.

Florbela viveu e produziu suas obras no mesmo período em que estavam sendo difundidas as ideias do movimento modernista: sua primeira seleção de poemas, reunida no *Livro de Mágoas*, foi publicada em 1919, quatro anos depois de ter surgido o Orfismo – o primeiro movimento moderno em Portugal, liderado por Fernando Pessoa. Em 1923 é publicado o *Livro de Sóror Saudade*; em 1927, no mesmo ano em que Florbela dedica-se a escrever seus contos, surge o movimento Presencista, o qual dava continuidade ao pensamento e ideais do Orfismo.

O essencial da obra florbeliana foi escrito, assim, ao mesmo tempo em que os modernistas portugueses se esforçavam para fortalecer as bases do movimento anunciado em 1915, conforme bem observou Renata Junqueira (2003, p.17-18).

Dessa forma, é possível pensarmos a obra literária florbeliana numa perspectiva moderna, uma vez que em seu espaço ficcional podem ser observados elementos em comum com o texto da moderna literatura. Dentre esses elementos, destacamos o hibridismo dos gêneros e a multiplicidade de Eus.

Para efetivarmos a discussão proposta, delimitamos como corpus de análise literária o *Diário do último ano* (1998), que são as impressões e reflexões de Florbela registradas no seu último ano de vida e os livros de contos *As máscaras do destino* (2006) e *O dominó preto* (2010). No presente trabalho, o nosso enfoque será o diário íntimo florbeliano.

Observamos, nos trechos aqui analisados, que o diário florbeliano se configura de uma maneira diferente do diário íntimo tradicional, pois a escritora não se limita a relatar suas vivências cotidianas e se auto apresenta como um ser dual, à semelhança de suas personas. Nesse sentido, tal diário se apresenta em concordância com a afirmação de Antonio Candido (1994) em *Ficção e confissão*¹, de que em toda (auto) biografia do artista está contida uma dosagem de romance, uma vez que ele não consegue entrar em contato com sua própria vida sem recriá-la.

Desse modo, nosso objetivo é argumentar, neste trabalho, que mesmo quando Florbela se utiliza de gênero, a princípio, confessional (autobiográfico), há em sua escrita todo um jogo discursivo consciente que nos permite enxergá-lo como um projeto literário da modernidade.

2. A ficcionalização do diário íntimo florbeliano

Ao consultarmos o “Dicionário de termos literários” de Massaud Moisés (2004) encontramos a seguinte definição para *diário íntimo*: trata-se de um espaço de introspecção onde se relatam as vivências quotidianas e onde se suscitam reflexões acerca da existência.

Apesar de não ser considerado por Lejeune como gênero autobiográfico, tendo em vista que para esse autor a autobiografia é o relato escrito de uma vida inteira ou de pelo menos o essencial dela (LEJEUNE, 1986 apud MOISÉS), está bem próximo de tal gênero, pois, de acordo com Moisés (2004), o diário, juntamente com a autobiografia, as memórias e as confissões têm em comum o mesmo extravasamento do eu e, por isso, é complicado traçar o limite existente entre eles.

Pelo fato de o diário “obedecer” ao calendário, uma vez que o autor desse gênero tende, como o próprio nome sugere, a escrever com certa regularidade, às vezes

¹ Ensaio em que Candido nos apresenta uma análise da obra de ficção e das memórias do escritor alagoano Graciliano Ramos.

diariamente, às vezes de três em três dias, às vezes semanalmente, mas sempre com assiduidade e também por ser um relato de acontecimentos relacionados à pessoa que escreve se supõe que a escrita desse gênero deva ser sempre espontânea.

No entanto, o que se observa no diário íntimo de Florbela é que sua escrita não é tão espontânea assim e a forma como se autodescreve, tendo em vista o recurso do artificialismo que utiliza, mais parece a construção de uma das personagens de seus contos e/ou das imagens femininas que aparecem em seus sonetos.

Assim, é possível afirmarmos, previamente, que Florbela rompe com a unidade do gênero diário, na medida em que não se constitui “como a representação verídica e fiel de uma individualidade, mas como uma forma de encenação ilusória de um eu exclusivo” (MIRANDA, 1992, P.38). Para elucidar o que foi dito, observemos um trecho do diário florbeliano, escrito em 28 de fevereiro de 1930:

Estou tão magrita! A lâmina vai corroendo a bainha, a pouco e pouco, mas implacavelmente, com segurança. Devo ter por alma um diamante ou uma labareda e sinto nela a beleza inquietante e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas. (ESPANCA, 1998: p.51).

Imediatamente, é possível perceber nesse trecho a “repetição” de uma ideia utilizada recorrentemente em sua obra poética: a sensação de incompletude que desencadeia o esfacelamento do sujeito: “sinto [...] a beleza inquietante e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.”. Tal sensação, que está contida em grande parte dos seus sonetos, é utilizada por Florbela para construir sua própria imagem. Essa repetição já nos faz pensar o diário florbeliano como um espaço de ficcionalização da vida e, portanto, de hibridização, onde a unidade do gênero se dissipa.

Vejamos outra anotação do diário, datada do dia 19 de fevereiro de 1930:

Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borracheira e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundo queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!... (1998, p.49).

A postura que Florbela Espanca apresenta diante da sociedade preconceituosa do início do século XX a qual pertenceu, de não se sentir de modo algum inferiorizada, colocando-se numa posição de indiferença em relação ao resto do mundo, deixa mais claro que a escritora portuguesa em suas “confissões” confunde-se com as personas de sua ficção.

Podemos perceber nessa anotação que Florbela se coloca na posição de poetisa que está à margem da sociedade, porque incompreendida, e muito além dela porque, como todo poeta, ela tem fome de infinito. Essa postura apresentada no *Diário íntimo* é também vista na sua escrita ficcional, como, por exemplo, nas duas quadras do soneto “Versos de orgulho” (2005, p.210):

O mundo quer-me mal porque ninguém

Tem asas como eu tenho! Porque Deus

Me fez nascer Princesa entre os plebeus

Numa torre de orgulho e de desdém.

Porque o meu reino fica para além...

Porque trago no olhar os vastos céus

E os oiros e clarões são todos meus!

Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

Podemos observar que a mesma afirmação de Florbela em seu diário está contida nesse soneto, o que vai mudar é a forma, obviamente. A ideia do poeta como um ser diferenciado, por isso nobre (“princesa entre plebeus”) e do não pertencimento a esse mundo, a essa vida (“Porque o meu reino fica para além...”); o fato de sentir-se à margem da sociedade (“O mundo quer-me mal”). Lá no diário, Florbela diz que é dona de riquezas e não há por que sentir-se pobre – “[...] Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas [...]” –, nesse soneto, aparece essa mesma imagem quando o Eu lírico afirma ter no olhar os vastos céus e que os oiros e clarões são todos dela.

Em face do exposto, podemos afirmar que o gênero confessional escrito por Florbela Espanca mais parece um gênero autoficcional, uma vez que a escritora, ao descrever-se ou ao falar acerca de algo, (se) reinventa, embaralhando o real e o imaginário. Assim, o discurso de Florbela em seu diário acaba por desfazer “a ilusão autobiográfica” (MIRANDA, 1992, p.18), tendo em vista que ela não faz suas anotações

a fim de, tão somente, confidenciar-se, deixando cair sua(s) máscara(s) de poetisa e revelando-se sem artifícios.

Conforme bem observou Junqueira (2003: p.19), tal obra deixa “[...] transparecer a confissão como ficção, isto é, o uso do gênero confessional como pretexto para devassar uma intimidade que também se revela, afinal, falsa, postiça, retrato que resulta de uma linguagem elaborada como sofisticação.”.

É possível dizer que Florbela Espanca escreve seu *Diário do último ano* como se tivesse encenando para leitores futuros, ou seja, escreve como se tivesse mesmo a ambição de que tal diário fosse se tornar uma obra literária, objeto de análise e, como tal, sujeita a inúmeras interpretações. A esse respeito, observemos o seguinte trecho:

[...] Quando morrer, é possível que alguém ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – tão rara neste mundo se debruce com um pouco de compreensão, em silêncio. Sobre o que eu fui ou o julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me*.”. (ESPANCA, 1998, P34-35; escrito em 11 de janeiro de 1930).

Nesse trecho, o qual faz parte do relato de abertura do diário florbeliano, podemos observar que Florbela não escreve para si mesma, como é comum nos diários íntimos, uma vez que a escritora já pressupõe que haverá leitores para seu diário e o direciona, de certo modo, para tais leitores; tão pouco ela se detém a se autoanalisar, pois ela espera análises dos seus futuros leitores.

Para Fonseca (2005, p.87), “[...] o que vivemos, interpretamos ou reconhecemos como nossa realidade, uma vez escrito, torna-se ficção – no seu mais alto grau de semelhança – ou seja, uma representação da vida”. O crítico Antonio Candido (1992) coaduna com esse mesmo pensamento, ao afirmar que em toda (auto) biografia do artista está contida uma dosagem de romance, uma vez que ele não consegue entrar em contato com sua própria vida sem recriá-la. Assim, o diário florbeliano é um espaço criado, onde Florbela ao descrever-se a si mesma, se pinta como mais uma de suas personagens e faz de suas vivências objetos ficcionais.

Nesse sentido, o que o *Diário do último ano* vem nos mostrar é que a poetisa portuguesa apresenta uma consciência de sua condição de escritora, do fingimento poético e das funções que a linguagem pode exercer que não é percebida em grande parte das inúmeras mulheres poetisas surgidas na mesma época² em que ela surgiu. Observemos o trecho abaixo:

² Quando Florbela Espanca surgiu no panorama da literatura portuguesa, nas primeiras décadas do século XX, era crescente o “surto” de mulheres poetisas em Portugal. Por causa disso, a escritora alentejana, inicialmente, é descrita nos manuais literários como uma poetisa enquadrada numa geração de mulheres poetisas, conforme retrata Alonso (1997).

Até hoje, todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases. Se o príncipe Charmant vier, que lhe direi eu de novo, de sincero, de verdadeiramente sentido? Tão pobres somos que as mesmas palavras nos servem para exprimir a mentira e a verdade. (1998: p.57; escrito em 16 de julho de 1930).

Tal postura de Florbela em relação à utilização da linguagem vem refutar a ideia de que a obra florbeliana poderia ser compreendida como sendo de cunho puramente confessional e, além disso, justifica a permanência de Florbela até os nossos dias, diferentemente do ocorrido com outras “mulheres poetas” que apareceram no início do século XX, mas foram relegadas ao esquecimento ao longo do tempo.

Dessa forma, é possível afirmar que, em Florbela, há uma “[...] dissolução do diário íntimo circunstancial em benefício de uma espécie de texto poético que conta, ou melhor, canta o detalhe, o vazio, mais que o pleno, o absoluto, e não o anedótico [...]” (CASTELLANI, 2005, P.20).

Com isso, não queremos, de forma alguma, assegurar aqui que as anotações de Florbela em seu diário são absolutamente inventadas, mas que tal gênero se constrói como um espaço onde “vida e escrita, realidade e imaginação confundem-se numa continuidade indiferenciada [...]” (MIRANDA, 1994: P.51). Vejamos mais um trecho do *Diário do último ano*, escrito no dia 03 de fevereiro de 1930:

Chuva, vento, dores, tristeza... e sempre a Florbela, a Florbela, a Florbela!! Gostaria de endoidecer: Carlos Magno ou Semíramis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, Eu seria outra, outra, outra! Não saberiam sequer que meus sonhos eram sonhos: o mundo estaria todo povoado de verdades. Os meus exércitos seriam meus, as minhas pedras preciosas seriam minhas; cóleras, pavores, lágrimas, gargalhadas, tudo isso seria realmente meu. E uma gota de água seria um astro, uma espiguinha de erva, uma seara e um ramo de árvore, uma floresta. Ser doido é a única forma de possuir e a maneira de ser alguma coisa de firme neste mundo. (ESPANCA, 1998, p.45-46).

Como pode ser observado, o registro transcrito acima não traz nada de confessional e/ou íntimo; trata-se de um texto rico em metáforas, cuja linguagem utilizada é plurissignificativa, em que Florbela ao falar de si, coloca-se como um ser dual: “[...] Carlos Magno ou Semíramis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, Eu seria outra, outra, outra! [...]”.

Então, é possível afirmar que Florbela por Florbela se assemelha a um ser ficcional, uma vez que a escritora se pinta à maneira das personas de seus contos e/ou de seus poemas; trata-se de um ser cuja integridade se perdeu e, por isso, é caracterizado pela multiplicidade de Eus. Outra característica observada nesse trecho é o artificialismo

da construção do espaço pertencente à escritora, o que, por efeito, aproxima ainda mais a Florbela mulher, autora empírica, de suas criações.

De acordo com Junqueira (2003, p.110), em seu diário, “[...] Florbela diz e se contradiz sem nenhum pudor, construindo assim a figura de um sujeito autoral que é regido pelo paradoxo e que deseja – ainda que a princípio o negue – mostrar-se aos outros, aos que o podem ler.” Ou seja: Florbela por Florbela se assemelha a um ser ficcional, imbuído da multiplicidade de Eus.

3. Considerações finais

Conforme observamos, o *Diário do último ano* transgride o diário convencional por não se limitar a descrever acontecimentos da vida da escritora, comungando, assim, com o pensamento de Bakhtin de que a biografia ou a autobiografia é a forma “em que eu posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida” (2003, p. 138).

O diário íntimo florbeliano é um espaço, portanto, de hibridismo dos gêneros, ou seja, é, ao mesmo tempo, escrita confessional e escrita ficcional. Esse hibridismo é uma das características mais marcantes dos textos literários da modernidade, uma vez que, conforme Hauser (1994 apud JUNQUEIRA, 2003, p. 44 e 45), “O mundo, cujos fenômenos se encontram num estado de constante fluxo e transição, produz a impressão de um contínuo no qual todas as coisas se fundem e se aglutinam [...]”.

Os valores da sociedade moderna não são fixos nem permanentes, são fluidos, em razão de estar ainda em evolução. Desse modo, a escritora Florbela, situada num contexto bastante conturbado em termos políticos, sociais e ideológicos, reflete em seus escritos uma realidade (moderna) permanentemente em transformação (num eterno estado de vir-a-ser) e heterogênea.

Em face do exposto, podemos afirmar que, por se constituir como um espaço de hibridização, portanto da heterogeneidade, o diário de Florbela permite-nos enxergá-la como uma escritora em sintonia com a modernidade³ e com os escritores modernos.

4. Referências

ALONSO, Cláudia Pazos. **Imagens do Eu na poesia de Florbela Espanca**. Temas portugueses. Lisboa: Casa da Moeda, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. O todo semântico da personagem. In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

³ Entendemos modernidade aqui no sentido que Berman (2007) a define: como uma realidade ambígua, dicotômica que nos coloca num turbilhão de desintegração e mudança.

_____. Epos e Romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Traduzido por Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: editora UNESP, 1998.

BEDASSE, Raimunda. (org.). **A (auto) Biografia/ L'(Auto)Biographie**. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana; Tours: Université François Rabelais, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e de Ana Marisa L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. Ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CASTELLANI, Jean-Pierre. Escritos biográficos/ Les écrites autobiographiques. In: BEDASSE, Raimunda. (org.). **A (auto) Biografia/ L'(Auto)Biographie**. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana; Tours: Université François Rabelais, 2005.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Florbela: um caso feminino e poético. In: **Poemas de Florbela Espanca**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. P.IX-LVI.

ESPANCA, Florbela. **As Máscaras do destino**. Histórias sobre o mistério da vida e um mergulho no reino d morte. São Paulo, Golden Books: 2006.

_____. **Diário do último ano**. Lisboa: Bertand Editora, 1998.

_____. **O dominó preto**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

_____. **Poemas de Florbela Espanca**. Edição preparada por Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 2005

FONSECA, Aleilton. Escrever: (Des) encontros da ficção com a biografia/ Écrivivre: les rencontres (im)possibles entre la fiction et la biographie. In: BEDASSE, Raimunda. (org.). **A (auto) Biografia/ L'(Auto)Biographie**. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana; Tours: Université François Rabelais, 2005.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o Imaginário: perspectiva de uma antropologia literária**. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

JUNQUEIRA, Renata Soares. **Florbela Espanca. Uma estética da teatralidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MIRANDA, Wander de Melo. **Corpos escritos:** Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.